

Sem boas lideranças, nada

31 JAN 1991

IGNÁCIO DE ARAGÃO

JORNAL DE BRASÍLIA

O PPR, terceira bancada da Câmara, com 66 deputados, desempatador de votações, terá que escolher, neste mês de fevereiro, o seu novo líder parlamentar. Na situação complicada em que se acha o Congresso e especialmente a Câmara dos Deputados, onde há tudo para discutir e votar e o tempo não é suficiente, remetem-se os partidos à grande responsabilidade que é a escolha de suas lideranças. Um passo em falso pode ser erro sem remédio. Pois, o PMDB, o PFL e o PPR, juntos, podem administrar quaisquer entendimentos e decidir votações da maior importância, negociar, transigir e solucionar, na base do "conversando é que a gente se entende". Porém, ao mesmo tempo, também podem virar a mesa, deixando o Governo sem lenço nem documento para combater o mal maior que é a inflação e praticar um mínimo de governabilidade indispensável à travessia até o fim do ano. Tudo depende, pois, de quem exercer essas lideranças partidárias.

Temos pela frente, neste preciso momento, exigindo soluções inadiáveis, meia dúzia de medidas provisórias com prazo vencendo; as sequelas da CPI do Orçamento, cujo relatório, como se está vendo, a exemplo dos antigos orçamentos da República, foi modificado depois de aprovado; a instalação de outras

importantes CPI's; o ajuste fiscal para socorrer as contas públicas e a interminável revisão constitucional. Mais adiante, a campanha sucessória. Tudo se acumulou, mas tem de ser feito, não para servir ao Governo, mas para salvar o País da crise adoidada.

O PMDB, depois da falência moral do competente Genebaldo, está esgrimindo, com o deputado Tarcísio Delgado, da velha tradição mineira, porém, com o inconveniente de ser juiz-forano da mesma terra do Presidente. Capitaliza, mesmo sem querer, as idiossincrasias locais, pois não há nada mais radical do que política municipal. Só a presença maciça de peemedebistas no ministério pode servir de freio a eventuais excessos. Se o Presidente não entornar o caldo.

Quanto ao PFL, não há reparo a fazer. O jovem líder deputado Luiz Eduardo tem especialização em artes marciais e políticas na escola do pai, o governador Antonio Carlos Magalhães. Foi deputado estadual duas vezes e, apesar de "moderno", como se diz na sua terra, presidiu a Assembléia. Desembarcou na Câmara e mostra que é do pequeno grupo que sabe de tudo, Europa, França e Bahia. Ainda presidirá a Câmara e governará seu estado, antes de aposentar-se no Senado lá para o primeiro quartel do próximo século.

Sobra, pois, o PPR, que está sem líder e deverá eleger um novo nestes meados de fevereiro. Um dos candidatos é o deputado José Lourenço, que os registros assinalam como parlamentar agressivo, desses de chamar para resolver "lá fora". No instante em que o País carece de conciliações e entendimentos, Lourenço não é a melhor recomendação, é preciso saber endurecer "pero con ternura", como dizia Guevara. Além do mais, é oriundo da Bahia e deverá carregar no embornal as mágoas e desacertos da política baiana e do PFL de lá, ao qual já pertenceu.

O outro candidato a líder do PPR é o deputado paulista Marcelino Romano Machado, provindo de Ribeirão Preto, uma das melhores cidades brasileiras. Foi vereador de sua cidade duas vezes e presidiu a Câmara Municipal. Cumpriu três mandatos sucessivos de deputado estadual, tendo sido líder na Assembléia de seu partido, que se chamava PDS. Chegou à Câmara e preside a importante Comissão do Desenvolvimento Urbano. É um político partidariamente coerente, que sabe conversar, conciliar, convencer e resolver. Nas presentes circunstâncias, se escolhido pelo PPR, será certamente o líder mais indicado.

■ Ignácio de Aragão é advogado e jornalista